

PAULO SOARES



ALGUNS POEMAS



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Educação

Alguns Poemas

Paulo Soares

Fortaleza - Ceará
2019



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Educação

Camilo Sobreira de Santana
Governador

Maria Izolda Cella de Arruda Coelho
Vice-Governadora

Eliana Nunes Estrela
Secretária da Educação

Jussara Luna Batista
Secretária Executiva de Gestão da Rede Escolar

Márcio Pereira de Brito
Secretário Executivo de Cooperação com os Municípios

Rita de Cássia Tavares Colares
Secretária Executiva de Planejamento e Gestão Interna

Rogers Vasconcelos Mendes
Secretário Executivo de Ensino Médio e da Educação Profissional

Julianna da Silva Sampaio
Assessora de Comunicação

Ideigiane Terceiro Nobre
Coordenadora de Gestão Pedagógica do Ensino Médio

Wilson Rocha Rodrigues
Orientador da Célula de Desenvolvimento Curricular, Educação Científica, Ambiental e Competências Socioemocionais

Hylô Leal Pereira
Articulador da Coordenadoria de Gestão Pedagógica do Ensino Médio

Paulo Venício Braga de Paula
Centro de Documentação e Informações Educacionais

Coordenação

Centro de Documentação e Informações Educacionais/Gestão Pedagógica do Ensino Médio

Conselho Editorial

Prof. PhD. Rosendo de Freitas Amorim
Profa. PhD. Karine Pinheiro de Souza
Profa. PhD. Francisca Aparecida Prado Pinto
Profa. PhD. Fernanda Maria Diniz da Silva
Profa. Dra. Mirna Gurgel Carlos Heger
Profa. Dra. Betania Maria Gomes Raquel
Prof. Dr. Genivaldo Macário Castro
Prof. Me. Paulo Venício Braga de Paula
Profa. Ma. Cristina Márcia Maia de Oliveira
Profa. Ma. Paula de Carvalho Ferreira
Profa. Ma. Ideigiane Terceiro Nobre
Prof. Me. Hylo Leal Pereira
Prof. Me. Jefrei Almeida Rocha
Profa. Ma. Lindalva Costa da Cruz
Profa. Ma. Maria Fabiana Skeff de Paula Miranda
Prof. Esp. Wilson Rocha Rodrigues
Profa. Esp. Anna Cecília Cavalcante Freitas
Profa. Esp. Maria da Conceição Alexandre Souza

Edição

Prof. Me. Paulo Venício Braga de Paula
Centro de Documentação e Informações Educacionais/Gestão Pedagógica do Ensino Médio

Revisão

Profa. Dra. Mirna Gurgel Carlos Heger
Profa. Ma. Cristina Márcia Maia de Oliveira
Profa. Ma. Paula de Carvalho Ferreira

Projeto Gráfico
Gráfica Digital da SEDUC | ASCOM

Normalização Bibliográfica
Elizabete de Oliveira da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S676a Soares, Paulo Cesar Ferreira.
Alguns poemas / Paulo Cesar Ferreira Soares. - Fortaleza:
SEDUC, 2019.

86 p.

ISBN: 978-85-8171-261-1

1. Literatura brasileira. 2. Poemas. I. Título.

CDD 869

www.seduc.ce.gov.br



www.facebook.com/EducaoCeara

PRODUÇÕES ACADÊMICAS E LITERÁRIAS DOS PROFESSORES DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE ENSINO DO ESTADO DO CEARÁ

Existem múltiplas formas de valorização da Educação, uma delas consiste em valorizar o professor. O reconhecimento da atividade do magistério pode manifestar-se por meio de várias funções e ações desenvolvidas pelo professor. Em 2008, foi criada uma ação governamental denominada Professor Aprendiz, cujo destaque tem sido a formação contínua entre pares. O amadurecimento dessa ação, que aposta no protagonismo docente, gerou desdobramentos substanciais, dentre os quais se destaca a publicação de livros de professores da rede. Os trabalhos acadêmicos e literários, selecionados para publicação, passam por um processo de submissão.

A iniciativa da Secretaria da Educação do Estado do Ceará (Seduc), em publicar livros produzidos pelos professores da rede estadual de ensino, está baseada na ação Professor Aprendiz, do Programa Aprender pra Valer. Esse Programa tem como principais objetivos: a) Valorizar os professores por meio da publicação das suas produções acadêmicas e literárias; b) Estimular a produção científica e literária de professores; c) Promover uma rede de colaboração entre os professores ao tornar públicas suas produções com seus pares.

As obras publicadas podem ser de natureza acadêmica (Tese de Doutorado ou Dissertação de Mestrado) ou Literária (Romance, Poema, Cordel, Novela, Crônica ou Conto). São produções de professores da rede pública estadual de ensino do Ceará, na condição de autores ou coautores das obras. Na seleção das produções acadêmicas, o Conselho Editorial adota os seguintes critérios: clareza e precisão de conteúdo; relevância e atualidade do tema; originalidade; qualidade metodológica. Em relação às produções literárias, observam-se os seguintes aspectos: originalidade de conteúdo/ineditismo; repertório linguístico; fruição estética; coerência e consistência do texto; e, por último, potencial artístico. Os trabalhos publicados são originais, escritos, em língua portuguesa, em consonância com os Direitos Humanos.

Com essa iniciativa, a Secretaria da Educação do Estado do Ceará, mais uma vez, faz história. Ao publicar as produções de seus professores, a Seduc promove um círculo virtuoso de valorização do Magistério, cujos efeitos podem se manifestar no fortalecimento do protagonismo docente; no investimento da formação acadêmica e, principalmente, em um processo de ensino e aprendizagem mais qualificado e comprometido.

Dedico a quem está ao meu redor

Sumário

Poesias

REPOUSO	14
CASULO	15
ESTRANHO	16
SOMBRA	17
TRANSPARENTE	18
MORAL DA HISTÓRIA	19
CONSELHO	20
RETICÊNCIAS	21
BICHO	22
MÁQUINA INSANA	23
O HOMEM DAS CAVERNAS	24
ALMA	26
IMÓVEL	28
A TRAÇA	29
INTRADUZÍVEL	32
O TEMPO	34
FORMIGUEIRO	36
VAIDADE	37
ESPELHO	38
HABILITAÇÃO	39
SILÊNCIO SUSPEITO	40
POEMA PARA PERDER PESO	41
PÁSSARO	42

GOL	43
GUARDANAPO	44
AR	45
CÉREBRO	46
O SONHO NÃO ACABOU	47
O AMOR	50
GRAVIDADE	53
É OSSO!	55
TU E EU	56
OFÍCIO	57
DA BOCA PRA FORA	59
PRIMAVERA	60
HORÓSCOPO	61
FAMINTOS	62
RÓTULOS	63
TV	64
POETA	65
DESSA PARA MELHOR	66
ROUPA SUJA	67
SOLTO	68
EXILADO	69
NINGUÉM DE LUGAR NENHUM	70
DESAPARECIDO	71

INCOMPLETO	73
NATUREZA	74
CÓPIA	75
FÓSSEIS	77
EU	78
A SALA	80
PURGATÓRIO	81
ELEMENTO	83
OPERÁRIO	85
POEMACETAMOL	86

Prefácio

O poema performático de Paulo Soares

Há uma canção de Sérgio Sampaio que diz: “um livro de poesia na gaveta não adianta nada. Lugar de poesia é na calçada”. É exatamente nisso que estou pensando agora diante de *ALGUNS POEMAS*, de Paulo Soares. Um livro que virei a noite inteira lendo em voz alta. Não por se tratar de uma leitura que demande muito tempo para ser concluída, muito pelo contrário: esta obra tem a capacidade de ser lida de um golpe só. A poesia de Paulo é essa poesia rápida e esperta que nossa contemporaneidade exige.

Mais do que nunca, o poeta deve ser genial para escrever em meio a fugacidade dos nossos dias e dizer muita coisa com pouquíssimas palavras. Aliás, se aquilo que o escritor pretende dizer, precisar de muitas palavras, ele já falhou na sua missão de poeta. E este poeta que eu apresento tem uma mira precisa, não erra um milímetro, quando a gente vê, já foi.

Contudo, li durante horas e horas, degustando cada momento, desfrutando do prazer de ser um dos primeiros a ter contato com este compilado de poemas.

Paulo é um desses artistas multimídia urgentes no nosso tempo, que de hoje em diante chamarei de “poeta pedreiro”. Explico:

A impressão que tenho é que Paulo (não o Leminski, o Soares) empilha palavra por palavra meticulosamente, medindo o espaço, encaixando uma na outra, como faz um pedreiro com os tijolos em uma construção: coloca o tijolo, retira o excesso de massa, dá uma batidinha com a ferramenta, mede

com uma trena, põe mais uma porção de cimento, outro tijolo, retira o excesso... o resultado é um poema amarrado, firme, inabalável, conciso, sem exageros, cirúrgico. Tudo isso, na espontaneidade de um artista espirituoso e ousado.

Cada poema desse autor é uma performance, tem seu próprio movimento. O trato com a palavra é quase um manuseio, que faz dessa poesia um artesanato delicado. É “um poema possível de se tocar”. Eu bem sei: eu vi as palavras se movendo perante meus olhos (e não botem a culpa na cerveja que me acompanha enquanto digito essas palavras); se eu estiver ébrio, é claro que o motivo é a literatura que entra em minha corrente sanguínea neste momento, através de um artesão da palavra. O poema de Paulo, mesmo sem estar na lua

FLUTUA

É o poema corpo – um corpo deleuzeano –. Tem sua própria maneira de se comportar. Chega um momento em que o texto dança na página branca uma coreografia frenética. Deve ser a alma do poeta querendo ser corpo. Existem pessoas que têm em suas casas bibliotecas inteiras, que servem como adornos, decoração... Livros como objetos de ostentação, que são empilhados e nunca lidos. Eu não me admiraria que se algum exemplar deste Alguns Poemas for adquirido para esse fim, ele salte da estante por vontade própria, por não suportar o tédio que assola os livros que não são usados e abusados. É a poesia pulsando inquieta. Aliás, a poesia nem precisa do livro. Ela é viva por si só. Uma poesia para ser falada nos saraus, para ser pichada nos muros, para ser cantada nas canções. Uma poesia fresca, contemporânea, atualíssima, moderna. Paulo Soares sabe fazer poesia. E “poesia só presta feita na hora”!

Eliano Ôgá, poeta

Apresentação da obra

Pensei em começar com o vocábulo ‘livro’ ao invés de ‘obra’; seria mais aconselhável. Contudo, refiro-me à obra de toda uma vida, contida nas páginas desse livro. Antes do meu primeiro rebento literário, Um tiro no coração da poesia, de 2014, minha noção de poesia era a de fazer com que as pessoas pensassem sobre o que acontecia na sociedade.

O livro supracitado me parece, hoje, profético, pois estamos atravessando um beco escuro e ainda de olhos vendados. A violência, a brutalidade e a impaciência assumem uma forma humana sem olhos e sem ouvidos, mas com uma boca enorme, prestes a nos engolir.

Em Alguns Poemas, eu falo, eu critico, eu luto, eu sonho, eu sobrevivo. Há neste livro textos que mostram exemplos remotos para comportamentos atuais, como no caso de O homem das cavernas. Em Alma, eu peço uma reflexão sobre pessoas que vivem presas em si mesmas, sem que sejam notadas pelos outros. Pessoas comuns, aliás, é essa a essência dos poemas deste livro, ou seja, a vida de pessoas simples, que também aparecem nos textos Operário, Transparente e Ninguém de lugar nenhum.

No meu segundo livro, A céu aberto, 2015, eu aprendi que a poesia está em todas as coisas, no prato de comida vazio, no travesseiro, na panela quente do fogão, na pele, na parede, no coração. Lamento que não tenha dado tempo entrar no conteúdo desse livro poemas como:

*Água mole em pedra dura,
Tanto bate até que
A vítima denuncie,
E a justiça dê cobertura.*

Porém, sem lamentar mais, exalto em Alguns Poemas a ludicidade necessária, o amor (bem) humorado, a saudade dos bilhetes escritos em guardanapos, a necessidade de reinventar o tempo, a urgência em ajudarmos quem vive nas ruas, quem sente fome, quem morre de fome.

Meu livro atual é um Formigueiro de palavras que trafegam pelas páginas e delas para a cabeça do leitor. Aqui, sinto-me à vontade para falar de Espelho, de Vaidade, de Horóscopo. Transito entre estilos, escrevo para quem tem cabelos brancos, mas também penso em agradar a juventude; dela é que escuto aquele elogio curto, e sincero: “massa!”

Paulo Soares

REPOUSO

Não me recomendaram
Repouso, pois escrever
Nunca foi problema.

Só deram conta da situação,
Quando se agravou ao ponto
De virar um poema.

CASULO

A lagarta muda
De dentro para fora,
Que o mundo não se meta!
Na escolha da lagarta
De virar ou não borboleta.

A lagarta muda
Na hora que bem entender,
Que nenhum outro inseto se meta!
Na opção da lagarta
De ser ela mesma,
E não borboleta.

ESTRANHO

Mecanicamente, penso no poema
Estranho.

Poema possível de se tocar, poema imenso,
Farto, para quem quiser olhar.

Esse poema nasceria de parto normal, de pele macia
Como a de uma fruta madura.

Poema este que por dentro teria a doçura
De uma criança sorrindo, na chuva,
Correndo e vindo
Abraçar o poeta que o inventou.

SOMBRA

Minha sombra
Deu para me seguir
Calada.

E ela é prova
De que entre a parede
E eu
Não existe
Nada.

TRANSPARENTE

Vestiu-se de fantasma,
Entrou em cena às vésperas de falecer.

Apareceu na poesia, como quem foge
Por repugnância da vida.

Estancou a ferida e, súbito, sumiu em mais
Um poema aberto.

Estava completo, quase transparente.
Viveu sem ânimo, mexeu-se
Sem dormir.

E a poesia sempre a lhe exigir
Uma postura real,
Deixou-o partir do livro e da existência
Como se fosse de um quarta-feira de cinzas,
Pós-carnaval.

MORAL DA HISTÓRIA

De cada poema
Que existe no corpo, o coração
É o que mais rima com outros
órgãos da poesia
Humana.

Artérias e sintaxes conduzem sangue e versos
Para membros, ruas e olhos.

Pulsa na parte central
Da caixa torácica, o poema músculo, oco por dentro,
Repleto de sentidos e sentimentos.

Qualquer outro texto pode ter sua função,
Mas nenhuma fábula bate no peito
Mais poeticamente que o
coração.

CONSELHO

O que você me disse
Um dia
Entrou por um ouvido e saiu pelo outro

Poesia

RETICÊNCIAS

Passei a manhã entre aspas
E meio reticente,

Pensando no hífen
Que separa o meio-dia e
No ponto final que nos espera

Mais na frente...

BICHO

Palavra,
Bicho sem nome,
Chega perto do poema,
Cheira,
E não come.

Palavra,
Tijolo fora do muro,
Entra no poema, deixa-o
Seguro.

Palavra,
Água suja de um poema
Breve,
Lava e escorre dele só o que
Se escreve.

MÁQUINA INSANA

O intestino
Da poesia é vazio, frágil e
Descartável.
A poesia é uma máquina feita
De palavras insanas.

Sua durabilidade se reduz
A poucas semanas.

A pele que reveste a poesia
É fina, nela qualquer corte
Deixa cicatriz do tamanho de um verso.

Glóbulos dispersos
Dão vida ao poeta.
E nada mais de ouvi-lo
Bater o coração,

Se a poesia é extraviada máquina,
O seu inventor é um deus desenhado
Na calçada com carvão.

O HOMEM DAS CAVERNAS

O homem das cavernas
Viveu há milhões de anos,
Não era como o sujeito moderno
Não fazia nada por baixo dos panos.

O homem das cavernas
Fazia suas armas para sobreviver,
Não era como o indivíduo moderno
Que cria armas para mostrar poder.

O homem das cavernas
Estava anos-luz a nossa frente.

O homem das cavernas
Era um exemplo para gente.

O homem das cavernas
Vivia da caça, da pesca, da coletividade,
Não era como a pessoa moderna
Movida por interesse e falsidade.

O homem das cavernas
Comunicava-se pelas pinturas
Não era como a criatura moderna
Que silencia vozes com suas ditaduras.

O homem das cavernas
Estava anos-luz à nossa frente.
O homem das cavernas
Sempre será um exemplo para gente.

ALMA

Minha alma
Cansada de não ter
Pelo, nem pele,

Saiu do meu corpo
Para procurar quem a revele.

Minha alma
Queria ter barba e cabelo
No peito.
Também reclamava
Por ficar jogada
Aqui dentro, de todo jeito.

Minha alma
Quer o mesmo direito
Que o corpo tem,
CPF, e título de eleitor,
Ela cansou de não ser nada
Ou ninguém.

Minha alma
Queria usar brinco, batom,
E hidratante.
Sair da rotina do corpo
Por um instante.

Minha alma
Quer um coração só para ela,
Quer fazer depilação,
Andar arrumada,
Para que à noite, ninguém
Tenha medo dela.

Minha alma
Quer o mesmo direito
Que o corpo tem,
CPF, e título de eleitor,
Ela já se cansou
De não ser nada, ou ninguém.

IMÓVEL

Fiz uma poesia imóvel
Para ela não sair da tua cabeça.
Fiz uma poesia imóvel
Para que você leia e, deixe-a lá:

No lugar onde
Eu a plantei com versos firmes.
No lugar onde
Eu a construí com cimento
E levantei suas paredes
Com o pensamento.

Fiz uma poesia imóvel
Para ela balançar como árvore.
Fiz uma poesia imóvel
Para que você recite e, deixe-a lá:

No lugar onde (de inverno
À outono) estando perto
Do poeta ou não,
Meu poema imóvel,
Outros olhos verão.

A TRAÇA

No livro, a traça
Passa e infesta
Palavra, frase
Feito potassa.

No livro, há traça
À beça, traça o sentido
Da prosa,

A página que o olho
Gosta, a traça interrompe
O prazer dele, sem pressa.

No livro, a traça
Perpassa e confessa
O crime do verbo
Não lido,
Do contexto perdido.
Da desgraça

No livro por onde
A traça passa, o texto
Não começa.

A traça
Se disfarça e
Arrasa o papel,
Não há pronome
Que não seja
Indefinido,

Não há
Conteúdo
Que não tenha
Sido comido.

No livro, a traça
Passa e infesta
Palavra, frase
Feito potassa.

No livro, há traça
À beça, traça o sentido
Da prosa,

A página que o olho
Gosta, a traça interrompe
O prazer dele, sem pressa.

INTRADUZÍVEL

Como se fosse possível,
Ingiro como se fosse potável,
Miro como se fosse atingível,
Corro como se fosse
Alcançável.

Como se fosse possível,
Reflito como se fosse decifrável,
Respiro como se fosse combustível,
Divido como se fosse
Calculável.

E se não tivesse cálculo,
Dividiria como se fosse confiável,
Respiraria como se fosse inconcebível,
Refletiria como se fosse
Desaconselhável.

E se não tivesse alcance,
Correria como se fosse aproximável,
Miraria como se fosse insensível,
Beberia como se fosse
Apreciável.

E se ainda assim
Ficasse mesmo intraduzível,
Seria possível ficar e ser
Reaproveitável.

O TEMPO

Fazia tempo,
Sempre aquele tempo
Para ser usado sobre a pele.
Aquele tempo que tinha que ser feito
Com linha, agulha e o mais
resistente tecido.
Não poderia ter sido
Um outro tempo qualquer.

Fazia tempo,
Aquele tempo que
tinha que ser feito
Com tijolo, cimento, paixão e a melhor madeira de
Sustentação.
Fazia tempo com aço, para ficar bem feito,
Pedaço por pedaço, um tempo perfeito.

Não fazia tempo para vender,
Sempre sobrava tempo
E quase não havia quem o quisesse devolver.

Fazia tempo até tarde na
noite,
Nos finais de semana
Era tão bacana
Vê-lo todo prontinho.
Tinha gente que chegava para pegar o seu,
Bem cedinho.

Fazia tempo
Em um tamanho maior
Para quem vivia perdendo o tempo no caminho.

Fazia tempo, enfim,
Como se todo mundo fosse precisar,
Sempre de um tempo
Para pensar.

FORMIGUEIRO

Uns por fOra
Outros no centrO
O mundo é um
formigueiro por dentrO

VAIDADE

VAIDADE

VAIDADE

VAI IDADE

VAI

IDADE

VAI

IDADE

ESPELHO

Já que não tem como
A gente
Deixar de se ver.

Pare
De reparar em mim,
Que não mais reparo
Nada
Em você.

HABILITAÇÃO

A perda
Dos dois pontos,

Não foi por exclamar
No texto
Em lugar errado.

Foi a vírgula
Que botei na vaga
Entre o sujeito
E o predicado.

SILÊNCIO SUSPEITO

O silêncio
É suspeito
De não ter saído
Das bocas.

Preso,
Pagou fiança
Em voz baixa,

Depois,
Foi liberado
Com palavras
Poucas.

POEMA PARA PERDER PESO

POEMA PARA PERDER PESO

Usei
Versos de fácil digestão,

E rima
De baixa caloria.

Quando a vida
Pesar,
Sinta-se leve
Com a
Poesia.

PÁSSARO

Que pássaro

É esse

Que passa nessa

Pressa

Será que passará só

Depressa

Ou passou nesse

Som que

Não cessa

GOL

Atacar,
Defender,
Nos noventa minutos de poesia,

É coisa de poeta.

Ele quer
Mostrar
Para o leitor, que ao escrever, marcou
Um gol de bicicleta.

GUARDANAPO

GUARDANAPO

Vi apenas você
Nessa mesa.

Não tem wi fi
Nesse barzinho.

Essa mensagem
É via guardanapo,

Um aplicativo
Que veio junto
Da porção de frango à passarinho.

AR

O
Amor
É como
O ar.

O que entra
Não é
O mesmo
Que sai.

Culpa
Do coração
Ou do pulmão,

Por inspirar
Esse
Vem
E vai.

CÉREBRO

Há cerca de 86 bilhões
De neurônios
No cérebro humano.

Parte disso,
É desperdiçada para planejar guerras,
Ano após ano.

Há cerca de 86 bilhões
De neurônios
No cérebro humano.

Parte disso é usada
Para bombardear inocentes, e dizer
Que foi um engano.

Há cerca de 86 bilhões
De neurônios
No cérebro
Humano.

O SONHO NÃO ACABOU

Tem gente
Que sonha
Com algo recente.

Tem gente que sonha
Com o que vem
Pela frente.

Tem gente
Que sonha
Em coma, em drama.

Tem gente
Que sonha
Mijando na cama.

Certa vez,
Alguém disse
Que o sonho acabou.
Mas, se um sonho termina
É porque outro
Começou.

Tem gente
Que sonha
Correndo
Ou subindo.

Tem gente
Que sonha
Em um buraco caindo.

Tem gente
Que sonha
Com dinheiro, com cobra ou corda.

Tem gente
Que sonha
Em ser poeta
E acorda.
Certa vez,
Alguém disse
Que o sonho
Acabou.

Mas, se um sonho termina
É porque outro começou.

O AMOR

Ela segue a receita,
Eu, o regulamento.
Ela narra uma fábula,
E eu grito palavras ao vento.

Eu conto e canto para ela,
E ela fala que é lenda.
Eu faço aquele poema,
E ela, sem ler, guarda na agenda.

Vou enviar um email,
Com amor e todas as instruções.
E sei que vou ouvir
Da sua boca, sermões.

A reportagem que vi,
Lembrou-me nosso romance.

Ela pediu um debate,
E disse: - esse é meu lance!

A crônica desse amor
Parece até entrevista.
Eu tremo na frente dela,
E ela mudando a vista.

Eu vou pedir para ela
A ata da nossa reunião.
Um anúncio no jornal,
Dizendo se me ama ou não.

Ela fez um comentário
Nas tais redes sociais.
Que era eu, o seu amor,
E o povo curtiu demais.

Tomara que nossa paixão,
Não tenha nota fiscal.
Nem seja uma caricatura
Nem um artigo do diário oficial.

Um dia, vamos casar,
Como se fosse novela.
No convite, nossos nomes,
E faço um outdoor para ela.

Seremos felizes,
Como história em quadrinhos.
Fazer palavras cruzadas,
Até vir nossos filhinhos.

Daí para frente, vai valer
Até nota de roda pé.
Pois a vida da gente,
Uma enciclopédia é.

GRAVIDADE

Palavras em torno umas das outras

Em órbita na página.

É a gravidade que mantem a

lua

No céu.

É a gravidade que mantem esse poema

No papel.

Uma palavra exerce

atração por outra

Mesmo que opostas.

É a gravidade que mostra que as rimas

Têm o mesmo valor.

É a gravidade que atrai uma maçã

Para o chão onde

alguém pisou.

Vi uma poesia na lua,
Sem a gravidade que tem aqui,
O meu poema lá

F

L

U

T

U

A.

É OSSO!

Briga da cabeça
Com o coração,

Ou da razão
Com a emoção,

É osso!

Quem separa
É sempre o pescoço.

TU E EU

TU E EU

Eu sou eu,
E assim
Nunca fui
Tão a sós.

Me dissestes
Que tu é você
E está longe
De ser um de nós.

Assim,
Seremos vós,

Até que outros
De mim e de ti
Venham após.

OFÍCIO

Por baixo do meu poema
Tem um esqueleto que o
sustenta.

Articulações entre os versos,
Ossos que dão movimento ao
sentido.

Por baixo do corpo conotativo
Do meu poema,
Há nervos,
Fêmur,
E uma coluna vertebral.

O crânio protege a inspiração.
Todos os ossos do meu
poema
Se mexem por baixo do texto.

Espero que o leitor
Não venha com o pretexto
De lê-lo apenas
À flor da pele.

DA BOCA PRA FORA

Poesia
Só presta
Feita na hora.

Quando esfria
Vira versos
Da boca
Para
Fora.

PRIMAVERA

Um dia verão
Que valeu a espera.
De vermos
Uma andorinha só,
Fazer verão
Ou de vermos a poesia
Fazer uma primavera.

HORÓSCOPO

Um, era de leão
O outro,
Sagitário.

Quando o amor
Foi por água abaixo,
Passaram
A se sentir
Peixes fora do aquário.

FAMINTOS

A fome
Nunca
Vem só.

Se nos falta
Algo por dentro
É que não engolimos
Mais
O que acontece
Ao nosso redor.

RÓTULOS

Do amor,
Não ligamos para rótulos,

Nem eu
Nem você.

Por isso, acho que ele vai vencer.

TV

Desligue-se de tudo
E rime

No mundo,
Quando não há poesia,
Há crime.

POETA

Não me peça
Pressa.

Não sou máquina,
Sou poeta.

Se fosse,
A meta do meu
Sistema,

Era
Peça
Por peça

Produzir
Só
Poema.

DESSA PARA MELHOR

De poeta, não
Se tem dó.

Morre
De fazer poesia,

Ainda querem
Que ele parta dessa
Para uma melhor.

ROUPA SUJA

Roupa suja
Se lava em casa,

Na máquina,
Na pia.

Se sair a mancha
Do conflito
É sinal que
A alma foi lavada
Com poesia.

SOLTO

Ou foi hoje ou foi ontem
Que acordei e meu corpo ficou em um sonho.
Eu era um objeto,
Eu tinha uma boca fechada pelo medo,
Eu tinha que dormir cedo,
Para não querer gritar.

Ou foi ontem ou foi hoje
Que deitei com as peças do meu corpo faltando,
Foram os soldados e suas palavras que batiam
Na minha carcaça.
Eu não tinha mais vontade,
Eu não andava mais solto pela cidade.

Agora é hora de decorar a tabuada
Três vezes três são nove,
E nenhuma emoção mais comove
O soldado que atravessa a calçada.

EXILADO

No vazio de um poema

Mora um autor que disputa
consigo

A ausência,

A permanência

Do grito na boca fechada,

O riso declamado na hora errada.

O vazio de um poema não assusta, nele trafegam

Palavras e silêncios,

Dias e noites em claro.

Nem todo autor

Suporta viver no vazio de um poema,

Só aquele que cresce

Com o sonho,

Que se alimenta, que se sustenta

Das estrofes

Da vida.

NINGUÉM DE LUGAR NENHUM

Nunca
Estarei aqui,

Assim como jamais
Serei de lá.

Vivo como ninguém de lugar nenhum
Vivo dentro desse ninguém de lugar algum.

Nunca
Ficarei acolá,

Assim como jamais
Descansarei por cá.

Vivo como ninguém de lugar nenhum
Vivo fora desse ninguém de lugar algum.

DESAPARECIDO

Chegou a ponto de
Desaparecer, primeiro pelos fios
do cabelo,
Depois pela roupa suja
Que vestia.
Quem olhava,
Sabia que o desaparecimento não era seu objetivo,
Mas começava
A desaparecer,
Ossos à vista, pele dos braços, boca sem dentes.

Poderiam jurar nas ruas, que viam e ouviam a barriga
ranger.

Sim, estava
desaparecendo.
Seu porte físico já se assemelhava
Ao de um fantasma, um vulto noturno.

Ao sol,
Ninguém via, enquanto estendia a mão
Para não desaparecer de uma só vez.
Sem documentos,
Sem filhos,
Sem esposa...

Sim, desaparecia em cada esquina,
Em cada gente, que mesmo, à toa
Passava, olhava, mas nunca fazia nada
Por aquela pessoa.

INCOMPLETO

Se tudo já foi dito
Mas não tem nada pronto
Para que tanto conflito?
Vamos botar um ponto.

Em todo esse confronto
Para não restar detrito
E o dedo a quem aponto
Não cometer delito.

Se tudo já foi feito
Mas não foi nada dito
Por que botar defeito?
Naquilo que acredito.

NATUREZA

Quando
O homem
Falha,

A natureza
Tarda,
Mas
Não folha.

CÓPIA

CÓPIA

A cópia do óbvio
É o que 'tá na cara'.

A cópia da inércia
É aquilo que para.

A cópia do real
É o que é de fato.

A cópia da onça
É o gato do mato.

A cópia é a mesma coisa
De um outro jeito.
A cópia da cópia da cópia
Tem o mesmo defeito
Do original.

A cópia de um conselho
É o 'faça o que eu digo'.

A cópia de um buraco raso
É o umbigo.

A cópia de um risco
É um traço.

A cópia de um exemplo
É o 'não faça o que eu faço'.

A cópia é a mesma coisa
De um outro jeito.
A cópia da cópia da cópia
Tem o mesmo direito
Que o original.

FÔSSEIS

Há evidências

Do que rolou:

O cheiro no lençol,

O sol

Clareando a paixão.

Há os vestígios da noite

Esquecidos

E preservados no chão.

Não sei o que restou,

Mas daqui a milhões

de anos

Vai ser

Fácil

Acharem

Os fósseis do nosso amor.

EU

Procurei
Minha vida
Noutro mundo

E eu vi
O que
Realmente sou

Do espaço
Invisível
Onde estou
Fui de Marte
Até o poço
Profundo

Mergulhei
Em coragem
Bem no fundo
Para ver se descobro
Se essa dor

Foi alguém
Que um dia
Em mim morou

E saiu
Feito um órgão
Transplantado

Ou ficou
Feito um filho
Abandonado

Sem saber se um dia
Alguém lhe amou.

A SALA

Sem ninguém, ao mesmo instante enchia
De gente.

O coração é uma sala, pode ser de janta, de visitas
Ou de coisa que ninguém fala.

Cheia, ao mesmo instante esvaziava
De sentimentos.

O coração é uma sala, pode ser de jogos, de festas
Ou de segredo que não se cala.

Quem dera fosse,
Meu coração de poeta, uma sala repleta de janelas.

Talvez, nele o amor pudesse
Entrar, sem pedir, por todas elas.

PURGATÓRIO

Meu poema não foi levado em conta,
Está atravessado na garganta, entre o céu e inferno do
Verso não dito.

Não houve quem o escutasse
Nem quem dele, mal falasse.

Era necessário ouvir do purgatório, as rimas da
história,
As hipérboles da vida.

Meu poema foi trancafiado no peito,
No escuro de um coração duro.
Ninguém lhe visitava,
Ninguém se incomodava
Com a presença
dele.

Mas, juro que era um poema bom...
Nunca falou mentiras,
Nunca roubou ideia de outros,
Nunca pensou em servir de arma para o ódio...
Enfim, meu poema, no purgatório, está preso,
Como comida no estômago,

Causando aquele

Infinito peso.

ELEMENTO

ELEMENTO

Não sou um elemento.

Eu sou um cidadão.

O fato de morar na rua,

Dormir no chão,

Não lhe dar direito de me tratar assim.

Você é igual a mim...

Não sou um elemento.

Eu sou um cidadão.

Minha história é um retrato

Do nosso país, da nossa nação.

Você não tem o direito de me chamar

Assim não!

Não sou um elemento.

Eu sou um cidadão.

Se olho para você passando e estendo a mão,

É porque sinto fome e não tenho um tostão.

Minha vida é um retrato em preto e branco,

Sem colorido, sem edição.

Mas, não sou um elemento.

Eu sou um cidadão.

OPERÁRIO

Silêncio e máscara, o operário se levanta.
Adiante, o mundo retorcido,
Os ferros, a escada e a música nos lábios que
assobiam.
Paredes que cresciam
Ao redor do seu coração puro.

O operário se senta em meio ao barulho lá fora,
Escreve sua vida nas mãos, ler cada linha
E vai embora.

O operário acorda, em pensamentos protege
O espírito, em orações se apega ao tempo...

Momento de erguer o vento,
Consertar o passado,
Alinhar os nervos e inventar uma vida nova.

POEMACETAMOL

Medicamento
De uso poético,
Político,
Lógico.

Analgésico,
Ideológico.

Para dor de cabeça
Ou banalidade.

Antitérmico
Contra
Hipocrisia
Ou crueldade.



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação